

DO FOLHETIM AO HIPERTEXTO: A EDIÇÃO DIGITAL COMO RESGATE CRÍTICO DE “CASA VELHA”, DE MACHADO DE ASSIS¹

FROM NEWSPAPER SERIAL TO HYPERTEXT: THE DIGITAL EDITION AS A CRITICAL RECOVERY OF “CASA VELHA”, BY MACHADO DE ASSIS

Ana Luiza Bruzadelli de Souza²
João Paulo Hergesel³

RESUMO: O presente artigo objetiva discorrer sobre como o desenvolvimento de uma edição digital de *Casa Velha* transcende a mera conversão de suporte, posicionando-se como um recurso potente de letramento crítico. Diante do desafio de engajar leitores contemporâneos com obras clássicas, investiga-se como a tecnologia pode aprofundar a leitura crítica de *Casa Velha*, de Machado de Assis, resgatando o contexto social da obra. A metodologia adotada foi a pesquisa aplicada, unindo revisão teórica e o desenvolvimento prático de um protótipo digital. A análise se ampara em teorias da comunicação literária, multimodalidade e do campo editorial. Os resultados demonstram que a integração de paratextos interativos e elementos visuais constrói uma experiência de leitura imersiva e contextualizada. Conclui-se que o projeto valida o potencial das humanidades digitais para renovar a apreciação de clássicos e valorizar a literatura afro-brasileira, oferecendo um modelo para futuras produções editoriais.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação literária; livro digital; objetos educacionais.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the development of a digital edition of *Casa Velha* transcends mere medium conversion, positioning itself as a potent resource for critical literacy. Faced with the challenge of engaging contemporary readers with classic works, this study investigates how technology can deepen the critical reading of *Casa Velha*, by Machado de Assis, by recovering the work's social context. The methodology adopted was applied research, combining a theoretical review with the practical development of a digital prototype. The analysis is supported by theories of literary communication, multimodality, and the publishing field. The results demonstrate that the integration of interactive paratexts and visual elements builds an immersive and contextualized reading experience. It is concluded that the project validates the potential of digital humanities to renew the appreciation of

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo n.º 2024/05938-1.

² Graduanda em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas). E-mail: analubruzadelli@gmail.com.

³ Professor da Escola de Linguagem e Comunicação e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas). E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

classics and to value Afro-Brazilian literature, offering a model for future editorial productions.

KEYWORDS: literary communication; digital book; educational objects.

1. INTRODUÇÃO

Machado de Assis representa uma figura central e canônica na literatura brasileira, cuja obra continua a desafiar e encantar leitores. No entanto, para além do reconhecimento de sua genialidade literária, discussões contemporâneas têm ressaltado a importância de analisar criticamente o processo de embranquecimento a que sua imagem foi submetida ao longo da história, como destacam Balbino (2023) e Monteiro (2024). Reconhecer Machado como um autor afro-brasileiro não é apenas um ato de reparação histórica, mas uma chave interpretativa fundamental que enriquece a compreensão de suas narrativas e do contexto social em que foram produzidas.

Nesse panorama, a obra *Casa Velha*, originalmente publicada como folhetim, como explica como defende Gledson (1983), e posteriormente incluída em importantes exames vestibulares, apresenta um duplo desafio ao leitor contemporâneo: a distância temporal da linguagem e dos costumes do século XIX e a necessidade de uma leitura que contemple as complexidades sociais e raciais veladas no texto. A simples transposição da obra para formatos digitais, embora amplie o acesso, nem sempre é suficiente para promover um engajamento crítico e aprofundado. Diante desse cenário, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: como as tecnologias digitais podem ser mobilizadas para criar uma edição de *Casa Velha* que não apenas modernize seu formato, mas também aprofunde sua leitura crítica, especialmente no que tange ao seu contexto social?

Este artigo objetiva discutir sobre como o desenvolvimento de uma edição digital de *Casa Velha* transcende a mera conversão de suporte, posicionando-se como um recurso potente de letramento crítico. Defende-se a tese de que, ao integrar camadas paratextuais – como informações biográficas, discussões sobre o contexto racial da época e elementos visuais interativos –, a edição digital não apenas facilita a compreensão, mas constrói uma nova experiência de leitura ativa. Essa abordagem alinha-se à percepção de que a materialidade do texto e as formas de sua apropriação são indissociáveis dos seus significados (Chartier, 2014).

Para desenvolver tal argumento, primeiramente, apresenta-se a fundamentação teórica, que articula os conceitos de comunicação literária, as transformações do livro na era digital e as inovações no campo da produção editorial. Em seguida, descreve-se a metodologia de pesquisa aplicada que orientou o desenvolvimento prático da edição digital. A seção de análise e discussão examina as escolhas de design e conteúdo do produto digital como respostas diretas à pergunta de pesquisa. Por fim, as considerações finais sintetizam os resultados, reforçam a contribuição do projeto para as Humanidades Digitais e para a valorização da literatura afro-brasileira, além de apontar caminhos para futuras investigações.

2. COMUNICAÇÃO LITERÁRIA E A RELAÇÃO LEITOR-TEXTO

A concepção da literatura como um ato de comunicação desloca o foco da análise do texto como um artefato isolado para a complexa interação que ele estabelece com seus leitores. Nesta perspectiva, a obra literária não possui um significado intrínseco e universal, mas o constrói a partir de um sistema de convenções e da participação ativa de quem a lê. Um dos teóricos centrais para essa abordagem é Siegfried Schmidt, que propõe a literatura como um sistema de ação social. Para o autor, a comunicação literária ocorre a partir de convenções que regulam tanto a produção (o que é considerado “literatura” em determinada época) quanto a recepção. Schmidt (1973) argumenta que o leitor não é um receptor passivo; ao contrário, ele participa ativamente na concretização do sentido do texto a partir de seu repertório e das instruções contidas na própria obra.

Expandindo essa noção, a relação entre leitor e texto pode ser vista como um diálogo mediado por pistas textuais e pelo contexto. Harker (1988) contribui para esse debate ao modelar a comunicação literária como um processo transacional. Segundo Harker, o significado não reside exclusivamente no texto nem na mente do leitor, mas emerge na “transação” entre ambos. O texto oferece um “esquema” ou um “projeto de leitura”, mas é o leitor que o preenche com suas experiências, inferências e bagagem cultural. Essa perspectiva é particularmente relevante para o presente estudo, pois sugere que a forma como um texto é apresentado – seu design, seus paratextos, sua materialidade – funciona como parte essencial desse esquema, podendo guiar, facilitar ou complexificar a transação proposta pela obra.

Aprofundando a dimensão empírica dessa interação, os estudos de Dixon e Bortolussi (1996) investigam como os leitores efetivamente processam narrativas literárias. Por meio de abordagens psicocognitivas, eles demonstram que a experiência literária é moldada por

múltiplos fatores, desde a estrutura da frase até a evocação de emoções. O trabalho de Dixon e Bortolussi (1996) evidencia que o formato do texto e os elementos que o acompanham não são meros adornos; eles impactam diretamente a construção do mundo ficcional na mente do leitor. Elementos visuais, links e informações contextuais, como os propostos na edição digital de *Casa Velha*, podem, portanto, atuar como andaimes cognitivos que auxiliam o leitor a construir uma representação mental mais rica e profunda da narrativa.

Em síntese, o referencial teórico da comunicação literária sustenta o argumento central deste artigo: a reedição digital de uma obra clássica não é apenas uma mudança de suporte, mas uma intervenção direta na relação leitor-texto. Ao mobilizar recursos de design e paratextos digitais, busca-se deliberadamente enriquecer a “transação” (Harker, 1988), orientar a “concretização” do sentido (Schmidt, 1973) e fornecer ferramentas cognitivas que aprofundem o processamento da narrativa (Dixon; Bortolussi, 1996). O objetivo é, assim, transformar a leitura de *Casa Velha* em uma experiência comunicativa mais consciente, crítica e contextualizada.

3. O LIVRO NA ERA DIGITAL: MULTIMODALIDADE E INTERATIVIDADE

A transição da cultura impressa para a digital não implicou apenas uma mudança no suporte material do livro, mas reconfigurou profundamente as práticas de leitura, escrita e produção editorial. Se a comunicação literária, como discutido anteriormente, depende da transação entre leitor e texto, o ambiente digital expande radicalmente as possibilidades dessa interação. A estabilidade da página impressa dá lugar a um ecossistema fluido, caracterizado pela multimodalidade e pela interatividade, que demandam novas competências do leitor e abrem novos horizontes para a edição de textos literários.

A imersão na cultura digital moldou um novo perfil de leitor, mais habituado a processar informações de forma não linear e a interagir com múltiplos formatos de mídia simultaneamente. Santaella (2019) descreve esse leitor contemporâneo como um “leitor imersivo”, que navega por telas e se engaja com conteúdos que mesclam o verbal, o visual e o sonoro. Para esse leitor, a linearidade do texto impresso pode representar uma barreira. Santaella (2019) argumenta que, em vez de lamentar uma suposta perda de atenção, é preciso compreender e explorar o potencial cognitivo dessa nova sensibilidade. O projeto de reedição de *Casa Velha* parte desse pressuposto, buscando dialogar com o leitor imersivo ao oferecer uma experiência que integra diferentes linguagens, em vez de se limitar ao texto escrito.

Nesse contexto, dois conceitos tornam-se centrais: interatividade e multimodalidade. A interatividade, conforme aponta Spalding (2012), é uma das características definidoras da literatura digital. Ela permite que o leitor deixe de ser um mero espectador para se tornar um participante, um coautor da experiência de leitura. No caso da edição digital de *Casa Velha*, a interatividade não se manifesta na alteração do enredo, mas na possibilidade de o leitor explorar, em seu próprio ritmo e interesse, camadas adicionais de conteúdo. Ao clicar em um termo, acessar uma biografia ou visualizar uma ilustração de época, o leitor exerce uma agência sobre seu percurso de leitura, aprofundando-se nos elementos que mais lhe despertam a curiosidade e, assim, construindo uma relação mais pessoal e significativa com a obra (Spalding, 2012).

Por sua vez, a multimodalidade refere-se à convergência de diferentes modos de linguagem (texto escrito, imagem, som, vídeo) em um mesmo artefato cultural. Ribeiro (2022) destaca que o livro digital não deve ser encarado como uma simples transposição do impresso, mas como um novo objeto com uma “textualidade expandida”. Para a autora, a multimodalidade não é um recurso meramente decorativo; ela participa ativamente da construção de sentidos. No projeto em análise, as ilustrações das vestimentas, os mapas da época ou os retratos de figuras históricas não são extras, mas componentes intrínsecos da proposta de leitura. Eles atuam como pontes que conectam o universo ficcional de Machado de Assis ao seu contexto histórico-social, permitindo que o leitor “veja” o que o texto descreve e, com isso, alcance uma compreensão mais concreta e crítica da narrativa (Ribeiro, 2022).

Portanto, ao aliar multimodalidade e interatividade, a edição digital de *Casa Velha* busca responder aos desafios e potencialidades do ecossistema digital. A proposta se afasta de uma visão nostálgica do livro impresso para abraçar as novas lógicas de leitura, utilizando a tecnologia não como um fim em si mesma, mas como um meio para tornar um clássico da literatura brasileira mais acessível, dinâmico e, sobretudo, mais potente em sua capacidade de fomentar o letramento crítico na era digital.

4. PRODUÇÃO EDITORIAL E INOVAÇÃO

A criação de uma edição digital e interativa como a de *Casa Velha* não é apenas um exercício de design ou tecnologia; é, fundamentalmente, um ato editorial. Para compreender a relevância e o caráter inovador deste projeto, é preciso inseri-lo no contexto da produção

editorial, um espaço complexo marcado por tradições seculares e, ao mesmo tempo, por intensas transformações. A edição de um livro, seja ele impresso ou digital, envolve um conjunto de mediações e decisões que impactam diretamente sua circulação e apropriação pelos leitores.

Bourdieu (2018) oferece uma ferramenta analítica poderosa para compreender esse universo ao conceituá-lo como um “campo”. Para Bourdieu, o campo editorial é um espaço de disputa onde diferentes agentes (autores, editores, críticos, livreiros) competem por legitimidade e reconhecimento, ou seja, por capital simbólico. Nesse campo, coexistem dois polos de produção: o da grande produção, orientado pela lógica estritamente comercial e pelo sucesso de vendas (capital econômico), e o da produção restrita, voltado para o valor cultural e o reconhecimento pelos pares (capital simbólico). Projetos de reedição de clássicos literários, como o presente, situam-se em uma posição estratégica nesse campo. Eles buscam equilibrar a preservação do valor cultural e simbólico de uma obra canônica com a necessidade de inovar para dialogar com um novo público e se manter relevante em um mercado em constante mutação (Bourdieu, 2018).

A história do livro, por sua vez, demonstra que a inovação tecnológica sempre foi um motor de mudanças nas práticas de leitura e na estrutura do campo editorial. Historiadores como Barbier (2018) e Chartier (2014) mostram que as “revoluções” do livro – da passagem do rolo para o códex, da invenção da prensa de tipos móveis à revolução digital – alteraram não apenas o suporte físico, mas toda a cadeia de produção, circulação e apropriação dos textos. Chartier (2014) adverte que a transição para o digital é particularmente radical, pois modifica simultaneamente o suporte da escrita, a técnica de sua reprodução e a maneira de sua leitura.

Nesse cenário de transformação, o papel do editor se expande. Ele deixa de ser apenas um selecionador e preparador de textos para se tornar também um arquiteto de experiências de leitura. Conforme aponta Barbier (2018) ao analisar a função editorial ao longo da história, o editor é um mediador cultural que “dá forma” ao texto, tornando-o acessível e inteligível para um determinado público. A edição digital interativa de *Casa Velha* encarna precisamente essa função mediadora em um contexto contemporâneo. O projeto atua de forma inovadora dentro do campo editorial ao: a) investir no capital simbólico de um autor canônico, reforçando seu valor cultural; b) utilizar as novas tecnologias não para simplificar, mas para aprofundar e contextualizar a obra, alinhando-se a uma produção de vanguarda; e c) responder às novas lógicas de consumo e leitura da era digital, buscando viabilidade e alcance.

Dessa forma, a reedição de *Casa Velha* se posiciona como um estudo de caso sobre o potencial da inovação no mercado editorial. O projeto demonstra que é possível equilibrar o respeito pela tradição literária com as exigências do presente, utilizando a tecnologia digital como uma aliada para reafirmar a relevância dos clássicos e para expandir as fronteiras do que um livro pode ser e fazer.

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem que integra a reflexão teórica à produção de um artefato prático, configurando-se, portanto, como uma pesquisa aplicada. Esta metodologia é particularmente adequada para investigações no campo das humanidades digitais e dos estudos da edição, pois o processo de “fazer” – neste caso, a edição digital de *Casa Velha* – não é apenas um resultado da pesquisa, mas uma parte central do próprio método investigativo. O artefato produzido funciona como uma forma de materializar e testar as hipóteses levantadas na fundamentação teórica, gerando conhecimento a partir da prática projetual.

Para a consecução dos objetivos propostos, o trabalho foi estruturado em três etapas interdependentes. A primeira etapa consistiu em uma revisão bibliográfica e teórica aprofundada. Realizou-se um levantamento de fontes acadêmicas para construir o referencial que sustenta o argumento central do artigo. Esta fase, cujos resultados foram sintetizados na seção anterior, abrangeu três eixos principais: a teoria da comunicação literária e da relação leitor-texto; os conceitos de multimodalidade e interatividade no contexto do livro digital; e as dinâmicas de inovação no campo da produção editorial. Essa base teórica foi fundamental para orientar as decisões conceituais e práticas do projeto.

A segunda etapa foi dedicada à análise da obra-objeto e de seu contexto. Esta fase envolveu um estudo aprofundado do romance *Casa Velha*, de Machado de Assis, bem como uma pesquisa sobre seu contexto histórico, social e racial. Foram investigados aspectos biográficos do autor, com foco no debate sobre sua identidade afro-brasileira, e as características do Rio de Janeiro no século XIX, período em que a narrativa se desenrola. O objetivo desta etapa foi reunir o conteúdo paratextual que viria a compor as camadas interativas da edição digital, garantindo a precisão e a relevância das informações que enriqueceriam a experiência de leitura.

A terceira e última etapa correspondeu ao desenvolvimento do protótipo digital. A partir dos insumos teóricos e contextuais, iniciou-se a produção editorial do livro. Esta fase prática incluiu a definição da arquitetura da informação, o design da interface, as escolhas tipográficas e cromáticas e a criação dos elementos visuais. As escolhas de design foram deliberadamente orientadas pelo objetivo de criar uma imersão crítica na obra, utilizando, por exemplo, arabescos e uma paleta de cores que remetem à estética da época, ao mesmo tempo em que se garantia uma navegação intuitiva e responsiva. Para a execução técnica do projeto, foram utilizadas diversas ferramentas de design gráfico e editorial, como Adobe Photoshop para tratamento de imagens, Adobe InDesign para a diagramação e Krita para a criação de ilustrações. Todo o processo seguiu a legislação referente aos direitos autorais, sendo a obra de Machado de domínio público, conforme a Lei Federal n.º 9.610/1998 (Brasil, 1998).

Por fim, declara-se que, para a elaboração deste artigo e a fim de adequá-lo ao limite de 15 páginas, a inteligência artificial generativa Gemini foi acionada para auxiliar na seleção dos pontos mais relevantes do relatório de pesquisa original (de 52 páginas) e para apoiar a síntese do texto. Esta utilização foi pautada pelas diretrizes de Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024), que preveem o uso da IAG como assistente em tarefas como resumo e auxílio na escrita, desde que não haja substituição do raciocínio crítico do pesquisador. Os autores revisaram, editaram e validaram todas as sugestões, assumindo a responsabilidade integral pela versão final do artigo, em total conformidade com o princípio da autoria humana.


6. A CONSTRUÇÃO DE CONTEXTO: O RESGATE DO AUTOR E DA ÉPOCA

Uma das principais barreiras entre o leitor contemporâneo e uma obra do século XIX é a distância histórica, cultural e social que os separa. A edição digital de *Casa Velha* enfrenta esse desafio diretamente por meio da criação de paratextos, um conjunto de camadas de informação que podem ser acessadas durante a leitura para enriquecer a compreensão do texto principal. Conforme a teoria da comunicação literária (Harker, 1988; Schmidt, 1973), esses paratextos funcionam como um “esquema” que orienta a transação do leitor com a obra, fornecendo o repertório necessário para uma decodificação mais profunda e crítica.


O primeiro pilar dessa construção de contexto é o resgate da figura do autor. A seção interativa sobre a biografia de Machado de Assis foi deliberadamente projetada para ir além de um resumo enciclopédico. Ao clicar em ícones específicos ao longo do texto, o leitor acessa notas que abordam diretamente o debate sobre a identidade racial de Machado e o processo de seu embranquecimento póstumo. Essa escolha editorial não é neutra, mas

posiciona o leitor de forma ativa diante de uma questão crítica fundamental. Apresentar Machado como um autor afro-brasileiro, neto de pessoas escravizadas, oferece uma lente interpretativa para analisar as sutis tensões sociais, as relações de poder e a hierarquia presentes em *Casa Velha*. O paratexto, nesse caso, funciona como uma ferramenta de letramento racial, convidando o leitor a questionar silenciamentos históricos e a buscar suas marcas na própria ficção machadiana.

O segundo pilar é o resgate da época. A narrativa de *Casa Velha* se desenrola em um Rio de Janeiro oitocentista cujos códigos sociais, vestimentas e costumes são, em grande parte, estranhos ao público atual. Para transpor essa barreira, a edição digital integra uma série de recursos contextuais, como explicações iniciais sobre Machado de Assis e o contexto social da época, contendo *links* clicáveis para fontes confiáveis capazes de expandir ainda mais as informações (Figura 1). Além disso, uma galeria de imagens reúne uma cópia do atestado de óbito de Machado (Figura 2), no qual ele é descrito como um homem branco, e ilustrações de vestimentas da época (Figura 3), ajudando o leitor a visualizar o figurino e a atmosfera descritos por Machado. Esses elementos multimodais, conforme aponta Ribeiro (2022), não são meramente ilustrativos; eles expandem a textualidade da obra, transformando conceitos abstratos em imagens concretas e facilitando a imersão do leitor no mundo ficcional.

Figura 1 – Informações paratextuais com *hiperlinks*

MACHADO DE ASSIS



Informações da época

Machado de Assis escreveu o livro *Casa Velha* vivendo sob o reinado de dom Pedro II, e a obra retrata até a chegada do Imperador no trono, com apenas 14 anos. Dessa forma, é exposto o período de regência no Brasil.

O Período Regencial no Brasil durou de 1831 a 1840, após a abdicação de Dom Pedro I e antes da maioridade de Dom Pedro II. Foi um momento de grande instabilidade política e social, marcado por uma série de revoltas e disputas entre diferentes grupos políticos.

Dom Pedro I abdicou o trono quando seu filho possuía apenas 5 anos de idade. Dessa forma, foi necessária a criação de uma comissão que assumisse o papel de regência enquanto Dom Pedro II não alcançasse a idade mínima para ser coroado, assim criou-se a Regência Trina Provisória. Porém, com a necessidade de a ordem e a estabilidade, criou-se a Regência Trina Permanente, com a intenção de mandatos mais longos.


A partir de 1834, após o Ato Adicional, criado para trazer mais autonomia às províncias, criando as Assembleias Legislativas Provinciais e abolindo o Conselho de Estado, o Padre Antônio Feijó tornou-se o único regente, e como consequência surgiram diferentes revoluções, como a revolução Farroupilha, que marcou o livro *Casa Velha*.

Para acabar com a instabilidade e as revoltas, antecipou-se a coroação de Dom Pedro II aos 14 anos, encerrando o período regencial e iniciando o segundo reinado. Dessa forma, o período de 1830.


A partir disso, há a disponibilidade vídeos explicativos sobre o Período Regencial, Segundo Reinado e Como era viver na sociedade de 1822, época da Independência do Brasil em relação a Portugal.

Independência do Brasil: como era viver no ano de 1822, apresentação da moda brasileira, infraestrutura, entre outros

https://youtu.be/9ozTxBDIU_o?si=yUX3bBGLr7tTb6lm

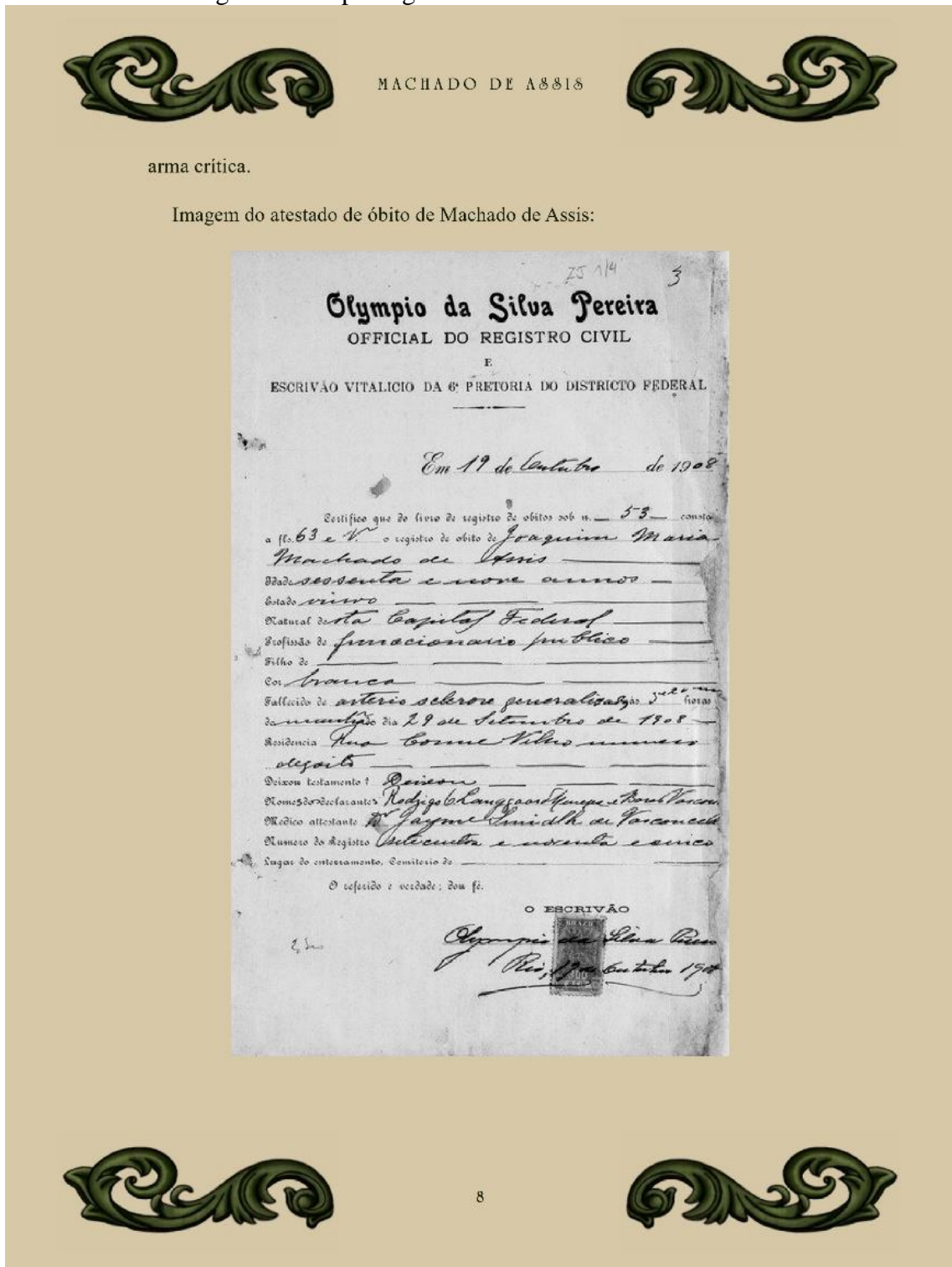


10



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 – Cópia digital do atestado de óbito do autor



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Ilustrações originais com as vestimentas da época



Fonte: Elaboração própria.

Em suma, ao fornecer ativamente o contexto do autor e da época por meio de paratextos interativos, a edição digital de *Casa Velha* deixa de tratar o leitor como um receptor que já detém todo o conhecimento necessário. Em vez disso, ela o reconhece como

um interlocutor e lhe oferece as ferramentas para construir, de forma autônoma e engajada, uma compreensão mais rica, historicamente situada e criticamente consciente da obra.

6.1. O DESIGN EDITORIAL COMO INTERPRETAÇÃO

Se a construção de contexto oferece ao leitor o “o quê” e o “porquê” da obra, o design editorial se encarrega de modular o “como” essa obra é percebida e experienciada. Longe de ser uma camada neutra ou meramente decorativa, o projeto visual desta edição de *Casa Velha* funciona como um ato interpretativo. Cada escolha de layout, tipografia, cor e elemento gráfico foi planejada para imergir o leitor na estética da época, ao mesmo tempo em que oferece uma experiência de leitura fluida e agradável em telas contemporâneas. O design, nesse sentido, é um argumento visual que reforça a proposta de uma leitura historicamente consciente.

A tipografia e o layout foram os primeiros elementos considerados para criar essa ponte temporal. A escolha de uma fonte serifada clássica para o corpo do texto busca evocar a mancha gráfica dos livros e folhetins do século XIX, estabelecendo um elo de familiaridade com a materialidade original da obra. Contudo, essa escolha é equilibrada com um design de interface limpo e com espaçamento generoso, garantindo a legibilidade e o conforto visual em dispositivos digitais. Essa fusão entre o clássico e o moderno materializa a própria proposta do projeto: trazer o passado para o presente sem sacrificar as convenções de usabilidade que o leitor digital espera (Santaella, 2019).

De forma complementar, a paleta de cores e os elementos ornamentais, como os arabescos utilizados na abertura dos capítulos e nas transições, desempenham um papel crucial na construção da atmosfera narrativa. Optou-se por tons de sépia, bege e marrom, que remetem a papéis envelhecidos e à iconografia do período, induzindo um estado de espírito mais reflexivo e imersivo. Os arabescos, inspirados em padrões gráficos oitocentistas, não são apenas adornos; eles funcionam como marcadores visuais que sinalizam ao leitor a estrutura do texto e o ritmo da leitura. Conforme Bourdieu (2018) aponta sobre o valor simbólico na produção editorial, esses elementos conferem ao artefato digital uma aura de cuidado e distinção, comunicando que se trata de uma edição que valoriza tanto o conteúdo literário quanto sua apresentação formal.

Portanto, o design desta edição digital transcende sua função estética. Ele atua como uma camada de interpretação silenciosa que dialoga constantemente com o texto de Machado

de Assis. Ao moldar a percepção visual e sensorial da obra, o projeto gráfico se torna parte da própria “transação” comunicativa (Harker, 1988), preparando o leitor para o universo ficcional e reforçando, por meios não-verbais, a importância do contexto histórico. A interface não é apenas um recipiente para o texto, mas um componente ativo na produção de sentidos, que convida o leitor a uma experiência de leitura mais holística e envolvente.

6.2. A VISUALIDADE COMO EXPANSÃO DA NARRATIVA

Além do contexto histórico e do design interpretativo, a edição digital de *Casa Velha* utiliza a visualidade como um recurso narrativo estratégico para superar a distância temporal que separa o leitor da obra. As descrições de Machado de Assis, embora detalhadas, partem de um repertório visual e cultural do século XIX que nem sempre é acessível ao público contemporâneo. Nesse sentido, a inclusão de ilustrações e outros elementos visuais não tem a função de meramente “decorar” o texto, mas sim de expandir a narrativa, oferecendo suportes concretos para a construção do imaginário do leitor. Trata-se de uma aplicação direta do conceito de multimodalidade, no qual diferentes modos de linguagem se integram para enriquecer a produção de sentidos (Ribeiro, 2022).

Um exemplo central dessa abordagem é o tratamento dado às vestimentas das personagens. A moda oitocentista, com seus tecidos, cortes e acessórios específicos, era um importante marcador de classe social, estado civil e decoro. Quando Machado descreve um “vestido de cassa” ou um “colete de veludo”, ele aciona um código social que seria imediatamente reconhecido por seus contemporâneos, mas que pode soar vago para o leitor de hoje. Para sanar essa lacuna, a edição digital apresenta ilustrações detalhadas das vestimentas mencionadas no texto, que podem ser acessadas por meio de ícones interativos. Como pode ser observado na figura 3, a representação visual de um traje de passeio feminino da época não apenas clarifica a descrição textual, mas também a enriquece, permitindo que o leitor visualize a silhueta, as texturas e os detalhes, compreendendo de forma mais imediata o impacto visual e social daquela personagem na cena.

Essa estratégia de expansão visual vai ao encontro das teorias psicocognitivas da leitura (Dixon; Bortolussi, 1996), que apontam a importância da construção de um modelo mental vívido para o engajamento narrativo. As imagens funcionam como âncoras para a imaginação, auxiliando o leitor a compor um cenário mental mais rico e detalhado. Ao fornecer um suporte visual para o que está sendo descrito verbalmente, o projeto facilita o trabalho cognitivo da imersão e permite que o leitor se concentre mais nas sutilezas da trama e

na psicologia das personagens, em vez de se sentir perdido em descrições que não consegue visualizar.

Dessa forma, a visualidade na edição digital de *Casa Velha* assume um papel ativo na comunicação literária. As ilustrações e imagens de época atuam como pontes que conectam o texto do passado à sensibilidade do presente, traduzindo códigos culturais e estéticos para o leitor contemporâneo. Ao fazer isso, o projeto não diminui a obra de Machado, mas, ao contrário, amplifica seu alcance, garantindo que a riqueza de seu mundo ficcional possa ser plenamente apreendida e apreciada por uma nova geração de leitores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou responder como as tecnologias digitais podem ser mobilizadas para criar uma edição de *Casa Velha* que não apenas modernize seu formato, mas também aprofunde sua leitura crítica. Ao longo desta investigação, que uniu reflexão teórica e produção prática, demonstrou-se que a criação de uma edição digital interativa transcende a mera conversão de suporte. O argumento central aqui defendido é que, por meio de escolhas intencionais de design, paratextualidade e multimodalidade, o livro digital se converte em uma potente ferramenta de letramento crítico, capaz de reconectar clássicos da literatura a leitores contemporâneos de maneira significativa.

A análise do protótipo desenvolvido evidenciou que cada elemento do projeto – desde as notas contextuais sobre a identidade racial de Machado de Assis até a escolha de uma paleta de cores que evoca o século XIX – contribui para uma experiência de leitura mais rica e consciente. O projeto exemplifica, assim, o potencial das Humanidades Digitais como um campo que não apenas aplica tecnologia a objetos culturais, mas que a utiliza para gerar novas formas de conhecimento e de engajamento. Ao facilitar o acesso a informações contextuais e ao tornar visíveis os códigos sociais da época, a edição digital de *Casa Velha* capacita o leitor a construir uma interpretação mais aprofundada, autônoma e historicamente situada.

Adicionalmente, o trabalho reforça a contribuição do design editorial para a valorização da literatura afro-brasileira. Ao colocar em primeiro plano a discussão sobre o embranquecimento de Machado de Assis, o projeto alinha-se a um movimento de revisão crítica do cânone literário nacional e colabora para a construção de uma memória cultural mais justa e inclusiva. Nesse sentido, a iniciativa dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente com o ODS 4 (Educação de

Qualidade), ao oferecer um objeto educacional inovador, e com o ODS 10 (Redução das Desigualdades), ao promover o patrimônio de um dos mais importantes autores negros da história mundial.

Reconhece-se, contudo, as limitações deste trabalho. A presente pesquisa concentrou-se no desenvolvimento e na análise do protótipo, não incluindo um estudo de recepção com leitores reais, etapa que seria fundamental para validar empiricamente a eficácia das soluções propostas. Esta lacuna abre, portanto, um caminho promissor para pesquisas futuras, que poderiam investigar como diferentes públicos interagem com a edição digital e mensurar seu impacto na compreensão da obra. Sugere-se, ainda, a aplicação do modelo metodológico aqui desenvolvido para a reedição de outras obras do cânone literário, especialmente aquelas de autores e autoras cujas complexidades sociais foram historicamente marginalizadas, consolidando o papel do design editorial digital como um agente de resgate e transformação cultural.

REFERÊNCIAS

- BALBINO, Jéfferson Luiz. A trajetória de Machado de Assis e sua negritude (não) reconhecida. **Água Viva**, Brasília, v. 7, n. 2, 2023.
- BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutenberg**: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI). Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2018.
- BRASIL. **Lei Federal n.º 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 37, n. 19, p. 198-249, 2018.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.
- DIXON, Peter; BORTOLUSSI, Marisa. Literary Communication: Effects of Reader-Narrator Cooperation. **Poetics**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 405-430, 1996.
- GIL, Manuel; RODRÍGUEZ, Joaquín. **El paradigma digital y sostenible del libro**. Madrid: Trama Editorial, 2011.
- GLEDSOON, John. Casa Velha: a contribution to a better understanding of Machado de Assis, **Bulletin of Hispanic Studies**, [S. l.], v. 60, n. 1, p. 31-48, 1983.
- HARKER, W. John. Literary Communication: The Author, the Reader, the Text. **The Journal of Aesthetic Education**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 5-14, 1988.

SOUZA, A.L.B. de.; HERGESEL, J.P.

MONTEIRO, Pedro Meira. Machado black and blur: a racialização do autor. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 17, p. 1-25, 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro e multimodalidade: concepções em trânsito na obra de Gunther Kress. **Dispositiva**, Belo Horizonte, n. 20, v. 11, p. 158-172, 2022.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; SABBATINI, Marcelo; LIMONGI, Ricardo. **Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa**: um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Editora Intercom, 2024.

SCHMIDT, Siegfried J. On the Foundation and the Research Strategies of a Science of Literary Communication. **Poetics**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 7-35, 1973.

SPALDING, Marcelo. **Alice do livro impresso ao e-book**: adaptação de *Alice no país das maravilhas* e de *Através do espelho* para iPad. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.